

**RAÇA EM DEBATE,
A PARTIR DO OLHAR DE MÁRIO DE ANDRADE
E BERNARDO HONWANA**

Michele Mileipp Pereira da Cruz (UNISUAM)
michele@safesupport.com.br

Maria Geralda de Miranda (UNISUAM)
mariamiranda@globo.com

Rosenilda Roberto dos Santos (UNISUAM)

1. Introdução

De caráter modernista se contrapondo ao Parnasianismo, no qual o modelo de arte é abalizado num pensamento poético, neutro e impessoal, sem a preocupação com a análise crítica da realidade, nasce *Macunaíma, o herói sem nenhum caráter*, de Mário de Andrade, com a proposta de constituir em sua obra uma nova mentalidade cultural.

A formação irônica das raças e etnias encontra-se presente na obra. Afinal, Macunaíma é um índio que nasce negro, se torna branco e depois tem um filho negro, ou seja, nasce segregado, ganha a cor do opressor e por fim reafirma sua negritude, para que sua origem estabelecida em seu nascimento, jamais seja apagada de sua memória, assim como a de sua árvore genealógica.

Um único personagem vive múltiplas experiências, a de ser negro e não ter oportunidades, isto é, vive a realidade que, mesmo num contexto irônico, está segregado e a margem da sociedade; a do branco opressor, que nos remete a figura do colonizador, que ao chegar as nossas terras ou em qualquer outra terra, tem como providência imediata fazer com que o colonizado se torne totalmente assimilado por ele. “Convencido da superioridade do colonizador e por ele fascinado, o colonizado, além de submeter-se, faz do colonizador seu modelo, procura imitá-lo, coincidir, identificar-se com ele, deixar-se por ele assimilar”. (MEMMI, 1977, p. 8).

Por fim, vive o índio nos mitos ligados à floresta.

Sendo assim, podemos afirmar que o autor faz uma releitura, de forma cômica, do índio do século XIX, utilizando o recurso da paródia. Ao fazer esta narrativa, Mário de Andrade dialoga com o romance tradi-

cional, no qual o índio é europeizado, bonito e forte e com todas as demais virtudes heroicas.

É importante ressaltar que *Macunaíma* não denigre a obra motivadora da paródia, mas ao mesmo tempo, que nega o objeto, ela o ressuscita e o renova. “A negação pura e simples é quase sempre alheia à cultura popular”. (BAKHTIN, 1993, p. 10).

Extraído da emblemática obra *Nós matamos o cão tinoso*, de Luis Bernardo Honwana, de 1964, escrito numa época onde Maputo, atual capital de Moçambique, ainda era Lourenço Marques e colônia de Portugal, o conto “As Mãos dos Pretos” nos faz refletir sobre questões culturais, sociais de exploração e de segregação racial, de distinção de classe e de educação, onde o personagem busca respostas que justifiquem a cor das palmas das mãos dos pretos serem mais claras que o resto de seu corpo.

Em “As Mãos dos Pretos”, assim como em *Macunaíma*, o autor africano se vale do recurso da ironia para que possamos, a partir das respostas encontradas pelo personagem, refletir como tal cultura assimila as diferenças de raças e como se relaciona com elas, visto que, branco, indígena ou negro, somos todos iguais.

Este trabalho abordará em um primeiro momento a análise distinta das obras, levando em consideração os recursos da paródia e da ironia, para que possamos estabelecer uma visão ampla da questão racial a ser estudada em cada uma. Logo após, verificaremos o diálogo entre elas, comparando-as.

Dessa forma, através deste trabalho, esperamos poder contribuir com uma nova perspectiva de análise sobre as abordagens da questão racial nas obras de literatura brasileira, com a finalidade de despertar no leitor um olhar mais profundo que penetre a superficialidade do texto e o remeta as lutas e sofrimentos vividos pelo negro colonizado, visto que, fazemos parte desta história.

2. *Desenvolvimento*

2.1. *As Mãos dos Pretos*

A narrativa curta intitulada “As Mãos dos Pretos”, do autor moçambicano Luís Bernardo Honwana, se desenvolve a partir da curiosidade de um menino, aguçada pela fala de um professor, em saber por que as

palmas das mãos dos pretos são mais claras do que o resto do corpo. Com esta indagação na cabeça, o personagem sai em busca de uma resposta que o convença. Muitas teorias e respostas surgem, mas nenhuma o convence, somente a de sua mãe, que lhe explica de forma incisiva que, no final de tudo, somos todos iguais.

A narrativa, escrita em meados da década de 60 do século XX, nos remete à África ainda dominada pelos portugueses. O autor intertextualiza a narrativa com o problema da escravidão dos negros da Virgínia, em uma de suas respostas, bem como nos faz refletir sobre a diáspora negra. Num curto espaço de tempo, há a presença de personagens adultos (brancos) que, influenciados pelas marcas da colonização, emitem respostas que deixam evidentes as diferenças supostamente existentes entre negros e brancos, sempre colocando o negro numa condição bem inferior. Por fim, o momento ápice do conto se dá, quando a resposta mais óbvia acontece, uma vez que a mãe do menino detém a solução que enfim o convence.

Neste momento a mãe sorri, mas é um riso que provoca reflexão, visto que ela aponta a justificativa que, por fim, termina com a tal resposta à indagação:

Pois olha: foi para mostrar que o que os homens fazem é apenas obra dos homens... Que o que os homens fazem é feito por mãos iguais, mãos de pessoas, que se tiverem juízo, sabem que antes de ser qualquer outra coisa são homens. Deve ter sido a pensar assim que Ele fez com que as mãos dos pretos fossem iguais às mãos dos homens que dão graças a Deus por não serem pretos. (HONWANA, 1964, p. 75)

O riso da mãe se torna choro após tal constatação. Num profundo momento de catarse, percebe os tempos difíceis em que viviam em que os negros eram, de uma forma generalizada, diferenciados dos brancos de forma pejorativa, e até mesmo reduzidos a “coisas”, por conta de questões que norteavam a cor ou a raça, questões essas infelizmente ainda atuais.

2.2. A ironia em “As Mãos dos Pretos”

Em um primeiro momento, ao analisarmos o conto, percebemos a presença do recurso da ironia norteando as respostas que são dadas por parte dos personagens, porém ao abordar tal recurso, a leitura irônica precisa ser refeita, para que possamos entendê-la dentro da sua comple-

xidade. Para que tal leitura seja realizada, é imprescindível, antes de tudo, conhecer o contexto histórico em que o texto foi produzido.

Conforme mencionado anteriormente, o conto foi escrito em um período onde o país em questão, Moçambique, se encontrava sob o domínio de Portugal. Contudo, o povo colonizado buscava uma identidade que refletisse a sua realidade como um todo, havia uma necessidade constante e imediata de uma afirmação nacional: “(...) esse momento é necessário, pois torna possível o momento seguinte, em que da negação da negação, se passa a plena positividade da afirmação de si” (MEMMI, 1977, p. 16).

Portanto, há uma negação por parte do colonizado, ele recusa a presença do colonizador e tudo que vem dele, e deseja afirmar sua cultura em todas as vertentes que abrangem sua realidade social e cultural. O colonizado passa por um processo de afirmação, deseja se impor como um ser autóctone, livre de qualquer vestígio do colonizador, e por isso luta, nega a presença do usurpador e de tudo o que o afasta dos seus costumes.

Após este breve norteamto sobre os sentimentos que circundavam o colonizado africano, fica mais evidente identificar a ironia sob um olhar mais complexo, no qual o riso substitui a reflexão e nos permite fazer uma análise mais profunda desta.

Em sua gramática, Manoel Pinto Ribeiro afirma que a ironia “consiste em declarar o oposto do que na realidade se pensa” (RIBEIRO, 2009, p. 374), sempre dentro de uma conotação sarcástica.

Ao citar Chamberlain, Linda Hutcheon afirma que ensinar a ironia é mais do que ensinar uma figura de linguagem, é fazer com que o leitor seja capaz de interpretar e produzir um texto de forma crítica. Com base nesta afirmação, podemos nos aprofundar no estudo de tal recurso que foi utilizado na construção do texto de Honwana.

Durante a narrativa, o menino busca incessantemente uma resposta que justifique a cor das palmas das mãos dos pretos ser mais clara. Utilizando-se de um discurso indireto livre, as respostas para tal questionamento, vindas de personagens como o padre, a Dona Dores, o Senhor Antunes e o Senhor Frias, expõem o preconceito sofrido pelos negros e sua condição de colonizado servindo a seus “patrões”, os brancos.

Todas as explicações colhidas revelam uma ironia, visto que todas as respostas, com exceção da de sua mãe, eram dotadas de mentiras para

atender de forma imediata à curiosidade do menino acerca do assunto: “(...) dizer uma coisa e significar outra diferente com o intento de dissimular define tanto a mentira quanto a ironia (...)”. (HUTCHEON, 2000, p. 101)

Observa-se, a partir de então, que tais mentiras nos levam a refletir em torno da verdade, uma vez que, segundo a narração dos personagens em suas reflexões a respeito das mãos dos pretos, a condição para tal, sempre se deu e se justificou pelo negro estar em uma situação inferior ao branco.

Dentro de uma perspectiva africana, uma vez que o conto se passa dentro de uma sociedade negra e sob o domínio da Metrópole, podemos constatar a influência desta no predomínio das respostas. Somente após uma leitura crítica da ironia contida na narrativa, é possível perceber que o motivo das palmas das mãos dos negros serem mais claras é para comprovar que existe no negro a cor do branco, e é a partir da mão revelada que lembramos que o negro é “gente”.

Portanto, a partir do que sua mãe responde, fica evidente para o menino, assim como para o leitor, a verdade contida no recurso irônico utilizado pelo autor para que tal desfecho fosse possível, ou seja, todas as respostas nos direcionam a uma conclusão, a de que os “brancos” se apoiam em suas falsas verdades com o objetivo de fazer com que adquiram status de certeza, confortando, assim, a sua consciência a respeito da condição do negro, e tornando justas suas injustiças.

2.3. Macunaíma

Uma das principais obras da nossa literatura, *Macunaíma* marca um período em que o desejo por uma identidade cultural- nacional estava bem aflorado. Trata-se da primeira fase do Modernismo (1922 a 1930), na qual havia um repúdio dos modelos artísticos europeus estabelecidos e a busca por algo moderno e original. Esses ideais fizeram parte do Movimento Antropofágico, ou seja, recebiam as influências europeias e a partir delas produziam um modelo novo, totalmente nacional, contudo sem desprezar o modelo imposto e muito menos copiá-lo. Foi neste contexto, que em 1928, Mário de Andrade publicou *Macunaíma*.

Índio descendente da tribo dos tapanhumas, “Macunaíma, herói da nossa gente, era preto retinto e filho do medo da noite” (ANDRADE, 1975, p. 9). Preguiçoso, só veio a falar quando tinha seis anos, e dizia

apenas: “Ai! que preguiça!... e não dizia mais nada”. (ANDRADE, 1975, p. 9). Trabalhavam apenas seus irmãos, Maanape e Jiguê, sua mãe e a esposa de Jiguê, Sofará, com quem “brincou” muitas vezes. Nessas brincadeiras, Macunaíma sempre virava um lindo príncipe.

Após a morte de sua mãe, Macunaíma e seus dois irmãos decidem seguir mundo afora. É quando o herói conhece Ci, a mãe do mato, com quem tem um filho, que morre com poucos dias de nascido. Ci, desiludida, também morre, ou melhor, vira estrela. Mas antes entrega para o nosso índio o muiraquitã, uma espécie de talismã.

Em meio a suas andanças, Macunaíma perde o muiraquitã e resolve então ir a São Paulo, juntamente com seus irmãos, recuperar a pedra, pois soube que estava na posse de Venceslau Pietro Pietra.

Durante a viagem, os três irmãos encontram a poça sagrada de Sumé, “(...) marca do pezão do Sumé do tempo em que andava pregando o evangelho de Jesus pra indiada brasileira”. (ANDRADE, 1975, p. 48), onde se lavam. Depois do banho, o herói sai branco, louro e de olhos azuis. Jiguê, logo após, entra na água, mas esta já estava suja da negrura do filho da tribo retinta dos tapanhumas, e por isso, por mais que se lavasse, conseguiu ficar apenas com uma cor avermelhada. Maanape, por sua vez, entra na poça, mas já não tinha água o suficiente, e consegue somente molhar as palmas das mãos e dos pés, tornando-as mais claras. “Segundo a lenda, há no Brasil várias marcas dos pés de Sumé (São Tomé) em sua peregrinação apostólica, antes do descobrimento do país”. (PROENÇA, 1987, p. 152).

Em seguida, Macunaíma passa por várias aventuras na cidade grande de São Paulo para recuperar a sua pedra. Dentre elas, luta com Venceslau Pietro Pietra, que na verdade era o gigante Piaimã. Recupera o muiraquitã, volta para a mata, mas seus irmãos morrem, e o herói é encantado por Iara, perdendo por definitivo a pedra que ganhou da mãe do mato. Desencantado e desiludido com a vida, Macunaíma, assim como Ci, sobe ao céu e também vira estrela, dando origem à constelação da Ursa Maior.

Percebe-se, em uma primeira leitura, que a passagem da poça sagrada de Sumé dialoga com a narrativa “As Mãos dos Pretos”, de Honwana. Logo, neste trabalho, nos fixaremos nela para realizarmos tal análise, considerando, portanto, o olhar do autor Mário de Andrade sobre a formação das raças.

2.4. A paródia em *Macunaíma*

Entendemos como paródia uma composição literária criada a partir de uma primeira, sendo que para isso adota-se um viés cômico. Portanto, para que o leitor-ouvinte identifique o humor, é imprescindível que ele reconheça a intertextualidade das obras em questão. Partindo desta análise, o autor optará por parodiar obras reconhecidas e consagradas pela cultura popular, adaptando a obra original a um novo contexto.

Não iremos, neste trabalho, realizar um apanhado histórico da paródia, pois entendemos que tal esforço nos afastaria por demais da questão racial a ser analisada na obra *Macunaíma*, mas é relevante dizer que a paródia é um recurso utilizado desde os primórdios da civilização, constituindo assim uma das formas de cultura cômica popular. Ela nos permite ainda perceber o mundo através de um olhar cômico, mais leve, em que é permitido rir de assuntos e situações sérias o que, em uma concepção inicial, seria praticamente impossível:

A dualidade na percepção do mundo e da vida humana já existia no estágio anterior da civilização primitiva. No folclore dos povos primitivos encontra-se paralelamente aos cultos sérios (por sua organização e seu tom), a existência de cultos cômicos, que convertiam as divindades em objetos de burla e blasfêmia (“riso ritual”); paralelamente aos mitos sérios, mitos cômicos e injuriosos; paralelamente aos heróis, seus sócios paródicos. (BAKHTIN, 1993, p. 5)

Compreende-se, portanto, que a obra de Mário de Andrade é uma paródia do índio alencariano do século XIX, cujas características eram de um índio branco, forte, com traços heroicos, ou seja, totalmente europeizado. *Macunaíma* nos permite então repensar um novo símbolo de nacionalidade.

Sendo assim, embasados em Bakhtin, que afirma que parodiar era uma atividade “não oficial”, podemos concluir que *Macunaíma* constrói um “indianismo às avessas” rompendo, assim, com os romances tradicionais e com toda influência europeia. Afirma, ainda, que a paródia não contém um fim degradativo, mas sim renovador.

Seguindo este raciocínio, por analogia, cabe afirmar que Mário de Andrade, ao descrever a formação das raças, busca apresentar uma construção criada pelos próprios brasileiros para tal questão. Entretanto, se o autor abordasse em sua narrativa a história oficial, formada pelo branco europeu, na pessoa do colonizador português, do escravo negro africano e do índio brasileiro, não representaria algo significativo, visto que essa

abordagem já se encontrava em livros da época, traduzidos na linguagem do europeu.

Macunaíma permite, então, a reflexão sobre o que é o brasileiro e como se constitui sua nação, visto que muito nos diferenciamos do índio dos romances alencarianos. Somos o resultado da miscigenação das três raças que surgem da poça de Sumé, e essa miscigenação resulta em uma diversidade cultural, provinda dessas raças. Há também uma diversidade geográfica. Mário de Andrade nos revela em sua obra um país rico em paisagens, nos apresenta a cidade grande e a floresta, abrangendo assim uma nacionalidade maior do que a de outros autores que o antecederam.

Sendo assim, o recurso da paródia utilizado em *Macunaíma* é uma importante ferramenta, que nos possibilita, de forma leve e irreverente, reconhecer os traços do dominador presente em nossa cultura, e possibilita ainda, após o riso inicial, perceber que por um longo período não tivemos uma cultura própria, e sim uma cultura que refletia a cultura do colonizador.

Deste modo, podemos afirmar que Mário de Andrade, com a obra *Macunaíma*, contribuiu para o marco de uma nova mentalidade cultural, propondo a valorização da nossa cultura e uma visão mais crítica da realidade.

2.5. O diálogo entre as obras – análise

Após apresentação das obras e do contexto em que foram produzidas, analisaremos o diálogo entre elas, verificando até que ponto ambos os autores apresentam pontos de contato em suas leituras sobre a questão racial.

Para início de análise, é importante esclarecer que Brasil e Moçambique tiveram o mesmo colonizador: Portugal, ou seja, o branco europeu, que estará presente em “As Mãos dos Pretos” e em *Macunaíma*, constituindo um importante fator para construção das referidas narrativas, já que a ruptura dos laços entre o colonizado e o colonizador fica evidente em ambas as obras, mesmo sendo abordada sob diferentes perspectivas.

Quando se lê a passagem da narrativa “As Mãos dos Pretos” em que o Senhor Frias, para explicar a cor clara das palmas das mãos dos pretos, diz que “os pretos, como foram feitos de madrugada e a essa hora

a água do lago estivesse muito fria , só tinham molhado as palmas das mãos e as plantas dos pés, antes de se vestirem e virem para o mundo” (HONWANA, 1964, p. 76), aparentemente a identificamos como ponto de intercessão com a obra *Macunaíma*, na passagem da poça sagrada de Sumé, em que Maanape, que como seu irmão Macunaíma era um índio negro, lava somente as palmas das mãos e dos pés, deixando-as mais claras.

Porém, como foi citado anteriormente, Honwana utiliza de ironia para apresentar a visão do colonizador e o sentimento do colonizado. Logo, a obra está inserida em um contexto segregador e de luta, em que predomina a exploração do colonizado e por consequência seu sofrimento.

Em Honwana, observa-se claramente o desejo de expor o preconceito, presente em toda a narrativa. Observa-se ainda que na ironia das respostas encontra-se a afirmação deste preconceito. O assunto é a cor do preto, e as respostas os colocam distantes da realidade do branco.

De tal forma, cabe afirmar que o próprio corpo do negro torna-se para ele objeto de negação. O conhecimento de seu corpo e de sua cor é posto em um plano inferior, e ele próprio se deixa julgar, assimilando a postura do dominador a seu respeito. “O conhecimento do corpo é unicamente uma atividade de negação. É um conhecimento em terceira pessoa”. (FANON, 2008, p. 104)

Se acrescentarmos que muitos europeus vão para as colônias porque lá lhes é possível enriquecer em pouco tempo, que, salvo raras exceções, o colono é um comerciante, ou melhor, um traficante, teremos compreendido a psicologia do homem que provoca no autóctone “o sentimento de inferioridade. (FANON, 2008, p. 101).

Todavia, em *Macunaíma*, encontramos a busca pelo rompimento com o passado e com o domínio cultural imposto pelo colonizador, que já não participava do contexto em que a obra foi produzida. Logo, a presença do branco europeu é analisada de forma menos densa, visto que fica restrito apenas à formação das raças e à influência cultural que exerceu sobre nossa literatura.

Considerando que a paródia adota um caráter contestador e também irônico, podemos afirmar que ambas as obras apresentam o recurso da ironia, porém em cada uma este recurso é utilizado para diferentes finalidades.

Na passagem da poça sagrada de Sumé, temos a presença das três raças que constituem o povo brasileiro. Somos resultados dessa miscigenação. Há, em nós, um pouco do índio, do negro e do branco europeu. Em *Macunaíma*, fica estampada toda essa mistura de raças, de cultura, de vocabulário, tudo se torna harmoniosamente um. Somos todos, inclusive, o branco.

Ao final da narrativa de “As Mãos dos Pretos”, conforme analisamos anteriormente, a resposta da mãe elucidada toda a questão ao revelar que a cor da palma das mãos dos pretos é mais clara, para provar ao branco que ele está presente no negro. A mão revelada comprova, no momento da narrativa, uma miscigenação ideológica. Diferente da de *Macunaíma*, ela não acontece de fato, mas é percebida na ideia do autor em promover a igualdade entre as raças. Ao final de tudo, somos todos iguais, o que é comprovado simbolicamente pelas mãos dos negros e dos brancos.

Sendo assim, a leitura irônica que Mário de Andrade e Bernardo Honwana fazem em suas obras apresenta similaridade em certo ponto de suas narrações, porém ela se limita à superficialidade dos textos, visto que esses autores discutem a questão racial em momentos bem distintos das histórias de seus respectivos países.

Apesar de tal constatação, é possível encontrar outro diálogo entre a literatura brasileira e a africana, representadas respectivamente, aqui neste trabalho, por *Macunaíma* e “As Mãos dos Pretos”.

Em princípio, percebemos que como a história de *Macunaíma* é contada pelo narrador, que por sua vez a escutou de um papagaio, questão verificada no “Epílogo”, fica evidente a presença da tradição oral com o objetivo de manter viva a história desse índio.

Em África, a oralidade é um recurso facilmente encontrado nos escritos e obras literárias dos países da África subsaariana, com ênfase para os países que compõem a África lusófona. Com tradição ágrafa, traduzem sua literatura através da oralidade, e esta retrata os costumes e culturas que pertencem a este povo.

Ainda dentro do contexto africano, encontramos a figura essencial do “velho” para manter viva essa oralidade, pois “(...) na maioria das sociedades africanas de tradição oral, os velhos são os alicerces da vida na aldeia. Diz-se, além disso, que uma aldeia sem velhos é como uma cabana roída por cupins” (KABWASA, 1982, p. 14). Isso se dá porque eles

são detentores do saber, adquiridos ao longo de suas vidas, e transmitem oralmente suas experiências às novas gerações.

Temos também a figura dos “griots”, que são contadores de histórias e têm por objetivo animar o público.

Os griots profissionais são verdadeiros mestres na arte da palavra que, possuindo uma inteligência e talento excepcionais, e conhecendo numerosos contos, anedotas, adivinhas, cantos, provérbio, etc., são frequentemente convidados para animarem os nozadu, festas, ritos, não só nos locais onde habitualmente residem, mas também em regiões distantes. As suas memórias são capazes de gravar fidedignamente os mais antigos costumes, factos marcantes da comunidade e feitos heroicos. (ESPÍRITO SANTO, 2000, p. 33)

Portanto, dentro da análise em questão, podemos dizer que a atividade do “griot” é a que mais se assemelha à tradição oral identificada na obra *Macunaíma*, já que esta narra os feitos do herói de nossa gente de forma divertida e irreverente.

Em síntese, podemos afirmar que tanto Mário de Andrade como Bernardo Honwana utilizam a ironia em suas obras com o objetivo de expor, de forma indireta, suas inquietações motivadas pela repressão do colonizador.

Mesmo sob diferentes óticas, percebemos que a ironia foi um importante recurso que permitiu a ambos os autores trabalharem a diferença racial, assunto que quase sempre não se consegue abordar sem citar as lutas e sofrimentos do povo oprimido, conseguindo, com isso, extrair o riso sem torná-lo objeto de desprezo.

3. Conclusão

Este trabalho procurou demonstrar através da análise das obras “As Mãos dos Pretos” de Honwana, e *Macunaíma* de Mário de Andrade, se fixando na passagem da poça sagrada de Sumé, que apesar de dialogarem entre elas, parecendo uma mesma abordagem, estas carregam em seus textos valores que as diferenciam, porém não as distanciam uma da outra, visto que ambas as obras foram motivadas pela repressão do colonizador português, mesmo em diferentes momentos.

Analisou ainda, a ironia, recurso comum às obras e verificou que esta possibilitou interpretar a segregação e a miscigenação racial de forma menos dramática, contudo sem aniquilar o estranhamento que essas questões provocam no leitor.

Esperamos também com este trabalho, colaborar para que cada vez mais a Literatura Africana seja divulgada, apresentando o seu olhar e suas manifestações, fazendo perceber que muito se tem em comum com a nossa literatura e com a nossa história.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Mário. *Macunaíma, o herói sem nenhum caráter*. 11. ed. São Paulo: Martins, 1975.

BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. Trad.: Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec; Brasília: Universidade de Brasília, 1993.

ESPÍRITO SANTO, Carlos. *Tipologia do conto maravilhoso africano*. Lisboa: Cooperação, 2000.

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Trad.: Renato da Silveira. Salvador: Edufba, 2008.

HONWANA, Luís Bernardo. *Nós matamos o Cão-Tinhoso*. São Paulo: Ática, 1980.

HUTCHEON, Linda. *Teoria e política da ironia*. Trad.: Julio Jeha. Belo Horizonte: UFMG, 2000.

KABWASA, Nsang O’Khan. O eterno retorno: In: *Correio da Unesco*, Brasil, ano 10, n. 12, p. 14-15, 1982.

MEMMI, Albert. *Retrato do colonizado precedido pelo retrato do colonizador*. Trad.: Roland Corbisier e Mariza Pinto Coelho. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

PROENÇA, Manuel Cavalcanti. *Roteiro de Macunaíma*. 6. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1987.

RIBEIRO, Manoel P. *Gramática aplicada da língua portuguesa*. 18. ed. Rio de Janeiro: Metáfora, 2009.